

# **Eu (não) faria tudo de novo!\***

## **Lembranças de ex-operárias da indústria têxtil de Blumenau**

*Ellen Annuseck\*\**

### **Resumo**

Este artigo tem por objetivo apresentar lembranças de mulheres que trabalharam na indústria têxtil em Blumenau, nas décadas de 50 e 60, a partir de entrevistas concedidas por elas, mostrando de que forma vivenciaram tais momentos, no contexto daquela época, e procurando perceber, no presente, as reflexões suscitadas pelo referido passado.

**Palavras-chave:** Mulheres operárias. Memória. Família. Trabalho assalariado.

### **Abstract**

This article has for objective to present women's memories that worked in the textile industry in Blumenau, in the decades of 50 and 60, starting from interviews granted by them, showing how they lived such moments, in the context of that time, and trying to notice, in the present, the reflections raised by the referred past.

**Key words:** Laboring women. Memory. Family. Wage-earning work.

Casou, daí já viu... Eu tinha cabelo comprido, passei a usar coque. Aí o visual já era outro, não poderia nem pensar em me produzir tanto... Era normal que as mulheres praticamente casavam e já ficavam em casa pra cuidar dos filhos. Os maridos saíam. Essa fase aí... Não tenho boas lembranças dessa época. Não mesmo.

Depoimento de D. Andília  
para Ellen Annuseck, em maio de 2001

É muito comum fazermos comparações entre o passado e o presente. Nesses momentos, sentimentos de arrependimento, de frustração, de mágoa, mas também de alegria e de satisfação permeiam nossas considerações sobre o passado e explicam muitos dos sentimentos vividos no presente. Carregamos, em

---

\* Este artigo utiliza o material da pesquisa de iniciação científica (PIPe/FURB), realizada entre 2001 e 2002, intitulada A força de trabalho feminina na indústria têxtil regional: estudo das formas de sociabilidade das mulheres operárias do Vale do Itajaí (1940–1970), sob a orientação da professora. Ms. Cristina Ferreira da Universidade Regional de Blumenau.

\*\*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

nossas vidas, um misto de sentimentos conflitantes, que pertencem a um contexto de ideologias, imaginários, crenças e discursos específicos.<sup>1</sup>

Quando somos instigados a olhar para trás, para o que passou, iniciamos reflexões das mais variadas, especialmente sobre o que poderíamos ou não deveríamos ter feito, e começamos a olhar para nosso passado com os olhos do presente, interpretando os acontecimentos e os lugares pelos quais passamos com a visão de quem, hoje, vive uma outra realidade. O que não era sofrimento, agora é sofrimento; o que era amor, agora não mais o é; o que era felicidade pode não ser mais interpretado como felicidade, principalmente porque o ato de lembrar é um ato espacial, de tempo e também exterior a nós. É através de novos conceitos, de novas perspectivas de vida que, muitas vezes, idealizamos um passado diferente ou, então, procuramos esquecê-lo.

É partindo dessa reflexão que começamos a olhar para os depoimentos de ex-operárias, coletados por intermédio de um projeto de iniciação científica que versava sobre a temática das formas de lazer e sociabilidade das mulheres operárias das indústrias têxteis de Blumenau (Hering, Sulfabril, Empresa Industrial Garcia, Mafisa, Teka e Artex), no período de 1940 a 1970. Chamou-nos a atenção como muitos desses depoimentos apontavam para a idéia de que o passado e as perspectivas de vida nele presenciadas não eram compartilhados com o presente: muitas (não) fariam tudo de novo. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo apresentar, a partir de entrevistas realizadas com mulheres que trabalharam em alguma indústria têxtil, nas décadas de 50 e 60, situações de vida consideradas por elas como bastante significativas e mostrar como vivenciaram determinadas situações no contexto daquela época, procurando perceber, nos dias de hoje, as reflexões desencadeadas por esses mesmos momentos.

A história oral é um recurso metodológico de pesquisa histórica, que corresponde à produção de “conhecimentos históricos, científicos”<sup>2</sup> e, através do qual, o “objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes”.<sup>3</sup> É um recurso em que encontramos tantos problemas e dificuldades quanto na análise de outros documentos, por isso a sua utilização deve receber os mesmos cuidados que o pesquisador tem com outras fontes.<sup>4</sup>

As operárias, durante as entrevistas, geralmente não “fugiram” de determinados assuntos, sendo possível captar alguns sentimentos vividos por elas no presente. Por exemplo, uma discussão com o marido, pouco tempo antes da entrevista, suscitou reflexões sobre o casamento; a falta de dinheiro remeteu às recordações do período em que elas entraram na fábrica, ou mesmo o rosto familiar do entrevistador levou suas lembranças a momentos particulares. Lembranças, por vezes involuntárias, e falas iniciais que inibem o “esforço vão de busca e captura intelectual do passado, [já que são feitas] de imagens que aparecem e desaparecem independentemente de nossa vontade”,<sup>5</sup> são pontos que se conectam mas não deixam uma opinião clara do entrevistado ou mesmo uma construção consciente do passado.



## EU (NÃO) FARIA TUDO DE NOVO! LEMBRANÇAS DE EX-OPERÁRIAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE BLUMENAU

Já num outro momento, quando iniciamos fazendo perguntas mais específicas, verificamos que os sentimentos presentes influenciavam bastante a resposta apresentada. Quando as perguntas eram feitas, como por exemplo, o local de nascimento, as circunstâncias pelas quais elas foram trabalhar na fábrica, como se constituía o cotidiano, a memória era ativada no intuito de dar forma ao passado e também de controlá-lo. Muitas buscavam *reformular* o passado tomando como base o presente. A memória agia “tecendo fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como *realmente* aconteceram”.<sup>6</sup> Voluntariamente, a memória torna-se mais enganadora e deixa escapar “toda a dimensão afetiva e descontínua da vida e das ações dos homens”,<sup>7</sup> visto que funciona no sentido de dar aos lugares os seus donos e é algo muito mais uniforme.<sup>8</sup> Nessa nova oportunidade de conversar sobre o seu passado e as reflexões a respeito dele no presente, as mulheres entrevistadas sentiram-se mais à vontade para falar sobre assuntos que, no momento em que viveram, foram silenciados pelas obrigações que lhes cabiam.

### **Amores, casamentos, filhos, família**

Percorrendo a documentação referente às décadas de 50 e 60, percebemos, durante sua leitura e com um olhar demorado pelas figuras e fotos publicadas em jornais, revistas, etc., quanto os papéis relacionados a homens e mulheres tendiam a ser distintos. Protegida pela figura masculina, a mulher normalmente estava vinculada ao papel da fragilidade sendo, então, *abraçada* pelo cuidado dos homens durante toda sua vida. Em casa, era *protegida* pelo pai; no matrimônio, pelo marido e, no trabalho, pelo patrão. O lar, o casamento e os filhos pareciam ser os objetivos mais claros na vida de uma mulher para sua total plenitude.

Os homens apresentavam a força: a força do trabalho, da segurança familiar (tanto física quanto moral), do desenvolvimento, entre outros. Eles estavam incumbidos de muitas obrigações tanto quanto as mulheres, e as responsabilidades também se acumulavam, sendo que as implicações das convenções sociais não eram minimizadas pelo fato de serem homens. Tanto homens quanto mulheres viviam um momento em que o peso de suas diferenças sexuais causava transtornos e limitações para ambos.

Nas décadas em questão, o casamento mantinha um lugar especial na vida dos homens e das mulheres, existindo, dentro dele, uma hierarquia “em que o marido era o chefe, detentor de poder sobre a esposa e os filhos a quem cabiam as decisões supremas, a última palavra”.<sup>9</sup> Dentro dessa perspectiva, que nem sempre era constante, às mulheres eram atribuídas atividades ligadas ao espaço doméstico como o cuidado com a educação dos filhos, com a administração financeira e a manutenção diária da casa. Muitos homens permaneciam a maior parte do tempo em seus trabalhos em que adquiriam os meios econômicos para suprir as necessidades financeiras da família.

Para as mulheres que tiveram contato com o trabalho assalariado, como no caso das operárias, o casamento tinha outra função: a de retirá-las da fábrica, especialmente se o marido tivesse condições econômicas de sustentar a futura família. Mesmo assim, as implicações do matrimônio poderiam ser contrárias: o ingresso nas fábricas, principalmente quando o orçamento doméstico não era suficiente. O marido trabalhava para o sustento da futura família, e elas somente permaneceriam no trabalho, se enviuvassem ou se separassem, ou, ainda, se o esposo não ganhasse o suficiente.<sup>10</sup> Sendo assim, para muitas operárias, o casamento, antes de ser uma *necessidade*, era uma *fuga* do ambiente fabril.

Quando essas mulheres falavam do seu casamento, as lembranças eram diferenciadas. Apesar de ser praticamente um dever das mulheres, casar-se não era um sonho ou uma obrigação para todas as mulheres e homens; era, sim, recomendável. No entanto, se a situação fosse outra, com certeza, muitas conseguiriam burlar essas convenções: “eu queria me divertir, passear [...]. Nós não queríamos namorado, eu e a minha amiga, nós queríamos dançar, passear, nós queríamos estar livres!”.<sup>11</sup> Para D. Loni, o casamento poderia ser considerado a finalização de uma vida aberta a novas oportunidades, já que ela pré-concebia que, a partir do momento em que estivesse casada, suas atividades no meio social estariam mais restritas. Por isso, ela demorou a casar-se. Isso aconteceu apenas aos 28 anos, uma idade considerada tardia para o período e só aconteceu porque ela havia engravidado.

Muitas vezes, o reforço ideológico da família contribuía muito para que filhas e filhos pudessem ter uma relação conjugal efetiva, porém, no caso de muitas das operárias de Blumenau, a separação da família, em função da procura de emprego fora da cidade de origem, abria novas perspectivas a essas moças, e muitas aproveitavam essa liberdade adquirida. Contudo, ser solteira não era um atributo que muitas moças desejavam, especialmente porque, naquela época, dizia-se que uma mulher solteira era alguém que não conseguira arcar com todas as predisposições relacionadas à mulher na sociedade, afinal, não seria mãe (a família é a casa segura para um filho), nem esposa, nem dona-de-casa (essa função ainda era considerada de sua mãe). Portanto, dizia-se que “a solteirona era uma mulher que falhara”.<sup>12</sup> Foi possível perceber que nem todas coadunavam dessas idéias. D. Loni observa que falar do casamento depois de tornar-se viúva era lembrar um período difícil em sua vida. Para ela, a união “não foi um casamento de ‘coisa assim’... Isso eu nem gostaria de falar [...]. O meu marido viajava muito. Pra mim foi duro! Eu era acostumada e depois só ficar dentro de casa!”.<sup>13</sup> Por isso, ela preferiu falar da sua situação atual, da sua participação em um grupo de terceira idade, dos passeios, das festas e da felicidade de agora, como uma retomada de sua vida enquanto solteira.

Através do depoimento de D. Loni, verificamos que o casamento não era uma idealização presente na vida de todas as mulheres. Ele poderia ser utilizado também como uma estratégia familiar e, no caso de D. Andília, serviu para preencher a



**EU (NÃO) FARIA TUDO DE NOVO!  
LEMBRANÇAS DE EX-OPERÁRIAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE BLUMENAU**

lacuna deixada pela figura masculina de seu pai, logo após o falecimento dele. Projetar sobre si a responsabilidade de trazer para a família novamente a figura de um *homem* impediu que ela seguisse seu próprio ritmo já que:

a gente não tinha pressa de casar, eu estava namorando, daí noivamos, mas sem data marcada sem nada, aí meu pai faleceu, e aí o meu tio tomou a iniciativa, sem me consultar sem nada, e ele com a minha mãe pra marcar a data do casamento. A gente casou, e eu não estava preparada pra casar. Mas não estava mesmo. Não sabia se era isso que eu queria ou não. Estava noiva, a gente se gostava é claro, passeava, ia no futebol e talvez eu empolgada com o que ele fazia, que era jogar, talvez por isso. Eu não tinha pressa. Eu estava comprando as coisas devagar, uma toalha aqui, um acolchoado ali, na Flamingo. [...] Aí no civil eu até casei de vestido preto de manga comprida, eu estava de luto do meu pai, e na Igreja eu casei de véu.<sup>14</sup>

Apesar de afirmar que foi feliz em seu casamento, D. Andília não deixa de demonstrar sua decepção por não ter podido tomar suas próprias decisões e revela hoje ser uma pessoa mais exigente em relação à sua felicidade, refletindo nos filhos a idealização de muitos de seus projetos que não puderam ser realizados. Casamento significava um forte compromisso perante a sociedade, enquanto que o noivado era mais uma preparação em que existia um misto de maior responsabilidade com os preparativos do casamento e uma certa liberdade adquirida entre o casal. Por vezes, não era o noivado que dava maior abertura na relação entre um casal. O próprio namoro, quando longe de uma família e dos olhares dos pais, também era uma forma de provocar uma sensação de maior desprendimento. Porém, a gravidez fora de um casamento não era bem vista, pois poderia suscitar inúmeras *falas* sobre a futura mãe, como no caso de D. Loni, que pediu demissão quando ficou grávida, porque sentia vergonha de ir trabalhar.<sup>15</sup> Infelizmente, a maternidade passava por muitas regras e as pessoas precisavam enquadrar-se nelas. O casamento era a posição impreterível para a gravidez.

A idealização da mulher como uma pessoa comedida e preocupada com a perpetuação dos bons preceitos morais da família fez com que a gravidez fora dos parâmetros convencionais fosse considerada um erro. Para as mulheres, convencionou-se que havia uma diferenciação entre *mulheres da vida* – prostitutas – e *mulheres de família*. Para estas últimas, as atitudes e gestos comedidos em público e o trajar-se igualmente *decente* contribuía muito para serem chamadas como tal. Dessa maneira, não seriam confundidas com mulheres *fáceis* e *desavergonhadas*,<sup>16</sup> preservando assim sua moral e de sua família.

Nesse sentido, o lazer também era permeado por muitos cuidados, principalmente na questão da dança, “tudo dentro do cuidado”.<sup>17</sup> Cuidado que evitava problemas em relação aos homens, uma vez que uma dança um pouco mais ousada despertaria interesses que muitas delas não estariam aptas a contemplar, e a virgindade era considerada uma condição básica para uma *boa moça* se casar, um *selo de garantia*, tanto dentro dos preceitos religiosos quanto familiares. Ora, “o valor atribuído a essas qualidades favorecia o controle social

sobre a sexualidade das mulheres privilegiando, assim, uma situação de hegemonia do poder masculino nas relações estabelecidas entre homens e mulheres”.<sup>18</sup> As moças precisavam manter a virgindade (sem saberem muitas vezes o que era), no entanto as orientações vinham em poucas palavras dias antes do casamento. Elas conheciam certas *tradições* para o casamento e a noite de núpcias, mas pouco ou quase nada sabiam o que aconteceria: “pra mim não foi nada. Não tenho uma lembrança boa daquela data que as pessoas guardam”.<sup>19</sup>

Quando as entrevistadas falam sobre como eram desinformadas na juventude, não deixam claro que tenham feito diferente, visto que, muito possivelmente, guardavam o mesmo receio de suas mães com seus próprios filhos. Foi depois do casamento que muitas mulheres perceberam que o matrimônio não lhes trazia felicidade. A dissolução do casamento dava-se por intermédio do desquite, que era o único recurso disponível para os casais, caso quisessem separar-se oficialmente, principalmente nos anos 50. Contudo, ele não dissolvia os vínculos conjugais e impedia que o casal se casasse novamente.<sup>20</sup> Sobre essa situação, D. Ruth comenta: “talvez já eu segui muito o exemplo de minha mãe: ser uma boa dona-de-casa, criar os filhos, infelizmente não tive sorte no casamento, porque a gente se separou”.<sup>21</sup> Suas lembranças remetem ao *bom comportamento* que apresentou enquanto esposa. Ela fez como sua mãe, cujo casamento havia tido continuidade. Ou seja, para D. Ruth, portanto, ela fez sua parte, não se sentindo culpada pelo final do matrimônio.

Muitas vezes, porém, parece que a culpa de um casamento com crises era atribuída à mulher, em função de seus *caprichos* e reclamações. Em geral, enquanto jovens, as angústias suscitadas no dia-a-dia eram caladas, mas, com a segurança de muitos anos de casamento, D. Paula relatou o que lhe incomodava naquele tempo:

ele caçava [...]. Me deixava em casa com os quatro filhos aqui. [...] Quando ele ia caçar eu ia dormir neste quarto aqui com os quatro filhos porque eu tinha medo e ficava sozinha dentro de casa. Às vezes ele ficava oito dias no mato. Ele adorava caçar, e eu gostava de dançar. O muito pouco que ele ia (ao baile), ele ia bravo, mas ia.<sup>22</sup>

Num casamento, tanto maridos como esposas precisavam renunciar atividades que antes praticavam. Entretanto, quando essas renúncias não eram recíprocas, não eram esquecidas com o passar dos anos. Não há dúvidas de que um dos saldos mais positivos do casamento para essas mulheres foram os filhos e convencionou-se que, para as mulheres, “ser mãe e dedicar-se aos filhos, mais que um direito ou uma alegria, era uma obrigação social”.<sup>23</sup> D. Andília assim fala dos filhos: “Ah! Essa é a alegria maior que eu tenho, se eu morrer hoje ou amanhã, eu tenho a alegria que a gente conseguiu formar todos os três. Muita dificuldade e tudo, mas estamos aí”.<sup>24</sup> É nos momentos em que elas falam dos filhos que os maridos, muitas vezes ausentes na conversa, eram lembrados, especialmente quando tiveram alguma participação no cuidado das crianças em relação a



**EU (NÃO) FARIA TUDO DE NOVO!  
LEMBRANÇAS DE EX-OPERÁRIAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE BLUMENAU**

serviços destinados à mãe: “ele passava ferro nas fraldas, às vezes eu chegava e ele estava passando ferro. Maravilhoso! Meu Deus a gente vive...”<sup>25</sup>

Falava-se muito que, através do casamento, surgia, também, o nobre sentimento do amor. O casamento com amor, o sonho do *príncipe encantado* ou mesmo do *grande amor* rodeavam o imaginário feminino, especialmente das moças mais sentimentais que associavam suas vidas às histórias de amor que viam nos cinemas, nas fotonovelas ou nos livros. Casar-se era importante, mas “também casar sem gostar não se faz!”<sup>26</sup> Características como romantismo e sensibilidade eram consideradas como próprias das mulheres, porém, tais sentimentos eram vistos com cautela, sobretudo, para não deixarem transparecer paixões desenfreadas, especialmente aquelas que não caminhassem junto com os aspectos morais esperados. A paixão era um amor perigoso!<sup>27</sup>

É interessante observar que as entrevistadas pouco falaram sobre esse sentimento. Parece que o romantismo, colocado numa balança, perde para responsabilidades como a criação dos filhos e a administração da vida conjugal: “o casamento é uma coisa e quando a gente é solteira é outra. A gente é solteira tem serviço em casa para fazer, mas não é tanta responsabilidade. Depois quando a gente casa é o marido, aí vem os filhos...”<sup>28</sup> Quando falam em amor, é durante o namoro, período em que as perspectivas de uma vida a dois vêm carregadas de sensações positivas e que, gradualmente, vão mudando. Contudo, quando as operárias foram instigadas a relembra o passado, parece que os momentos difíceis ganharam maior espaço do que os momentos agradáveis e alegres, porque normalmente foram marcantes demais, pois se tornaram mágoas.

No âmbito familiar, as mulheres tinham um papel importante na formação dos filhos e na harmonia da casa e do casal. A sua atuação, enquanto mãe e esposa, precisava ser exemplar para que, aos olhos dos colegas, parentes e sociedade em geral, pudessem mostrar que sua família contribuía positivamente para o bom andamento social: “dizia que a gente tinha que ser fiel, que o casamento era para sempre, pra casar a gente tinha que agüentar o que tivesse. O bom o ruim. A gente tinha que... uma boa esposa, uma boa mãe. Assim a gente sempre recebeu de casa. Acho que fui, né?”<sup>29</sup>

O marido ou o pai também carregavam nas costas responsabilidades de manter uma família, sobretudo para não precisarem pedir ajuda financeira para a esposa, o que, de certa forma, *feria seu orgulho*: “ele não queria que eu fosse trabalhar mas eu disse – eu quero te ajudar! – (Ele disse) – [...] Não me casei pra mulher me ajudar. Se for, é de espontânea vontade”<sup>30</sup> Ambos dependiam um do outro, porém, parece que a mulher era considerada mais dependente, o que acabava legitimando o poder masculino sobre o feminino.<sup>31</sup>

Apesar disso, nem sempre o marido ou o pai podiam arcar com todas as despesas da casa e, por isso, muitos filhos, filhas e esposas precisavam conhecer o ambiente de trabalho, o que, de certa forma, poderia ser visto como a perda da autoridade central na família. Em muitos casos, as mulheres acabavam numa

situação de *ajudantes* e, é claro, muitas interiorizavam essa responsabilidade. Quando as mulheres entraram no mundo do trabalho assalariado, nesse caso, nas indústrias têxteis, elas se viram diante de uma dupla jornada de trabalho. As implicações do trabalho assalariado no casamento soavam como mais um desafio, que precisava ser igualmente contemplado com atenção e cuidado, ou seja, tanto na fábrica quanto em casa, as mulheres deveriam executar os trabalhos com afinco e dedicação, porém o lar ainda deveria ser visto como o principal lugar de atuação feminina.

Da mesma maneira que as mulheres eram vistas como figura importante para o incremento da mão-de-obra na fábrica, eram incumbidas socialmente de *pertencer* e de constituir uma família própria através do casamento, principalmente porque o trabalho era considerado por algumas como algo circunstancial e efêmero. Elas deveriam saber dosar as atividades dentro e fora do lar, ou seja, não poderiam *abandonar* suas funções de dona de casa, de mãe e de esposa e precisavam cuidar para não se desinteressarem por esses papéis femininos no contato com o ambiente público.<sup>32</sup> Uma grande parte dessas operárias recorreu às fábricas em razão de dificuldades financeiras e trabalhou “por causa da necessidade. A gente precisava”.<sup>33</sup> Nem sempre o trabalho assalariado foi considerado pelas mulheres como um aspecto positivo em suas vidas, já que existiam muitos pontos negativos na fábrica, entre eles a distância das casas, o cansaço físico, a insalubridade de alguns setores de trabalho, a disciplina exigida, etc.

Quando as entrevistadas começaram a discorrer sobre as dificuldades do trabalho na fábrica, destacaram o trajeto a ser percorrido da casa até o local de trabalho que poderia durar até uma hora a pé: “[...] era muito longe e eu cansava muito, e não tinha condições assim pra mim, eu acho que era muito nova e não tinha resistência. Era uma hora a pé para ir e uma hora para voltar. Ida e volta dava duas horas”.<sup>34</sup> A palavra *dificuldade* foi empregada em muitas das falas das operárias no momento em que mencionavam as fábricas, tendo em vista os inúmeros fatores que prejudicavam a adaptação delas ao espaço fabril. Um deles era a falta de prática nas funções que deveriam exercer, afinal, muitas moças nunca tinham visto uma máquina de costura: “foi difícil. A gente não sabia costurar, não sabia nem pegar numa máquina”.<sup>35</sup> Para as mulheres que vieram de zonas rurais, outro problema foi o enclausuramento entre quatro paredes, já que na *roça* passavam boa parte do dia ao ar livre e apontavam a falta de liberdade como uma das dificuldades na fábrica.

O contato inicial com o trabalho assalariado dificilmente era agradável, principalmente se as mulheres estivessem habituadas ao ambiente doméstico: “o primeiro dia foi o pior dia! Porque a gente nunca tinha saído de casa. Esse dia não passava! Meu Deus que dia! Mas depois foi acostumando...”.<sup>36</sup> Com esse início, de certa forma precoce sob nossas perspectivas atuais, e os horários de trabalho não condizentes com os horários escolares, grande parte dos operários e operárias



**EU (NÃO) FARIA TUDO DE NOVO!  
LEMBRANÇAS DE EX-OPERÁRIAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE BLUMENAU**

precisavam interromper os estudos logo no ensino primário e, em poucos casos, conseguiam dar continuidade aos mesmos. Muitos operários investiam seus esforços apenas no trabalho fabril e, no que diz respeito às mulheres, estabeleceu-se que as mesmas “deveriam ser mais educadas do que instruídas. [...] Sua educação continuava a ser justificada por seu destino de mãe”.<sup>37</sup>

É claro que havia aquelas que viam no trabalho uma possibilidade de escapatória dos estudos. Muitas acreditavam que trabalhando já poderiam conquistar um bom rendimento financeiro para a sobrevivência. Porém, o baixo grau de escolaridade impossibilitava também perspectivas de um emprego julgado, por muitos, bem melhor que o trabalho na fábrica como foi o caso do irmão de D. Ruth, que fez o concurso para o Banco do Brasil, considerado por ela como uma grande sorte.<sup>38</sup> Para D. Andília, a perda de seu lugar na sala de aula foi um momento difícil: “fiquei a zero, praticamente um zero à esquerda”.<sup>39</sup> Mas a idealização do sucesso profissional e o incentivo aos estudos dos filhos pareceram preencher uma lacuna que permaneceu durante tanto tempo.<sup>40</sup>

Muitas mulheres acreditavam ainda que o grau de instrução deveria ser o parâmetro para se decidir sobre o nível salarial do operário.<sup>41</sup> Destacamos, como exemplo, o trabalho dos mecânicos de máquina, que, em sua maioria, eram as únicas figuras masculinas nos setores femininos da fábrica: “o serviço deles era um serviço mais difícil, um serviço que tinham mais estudo, tinham que aprender”.<sup>42</sup> Já em relação aos salários diferenciados entre homens e mulheres, as opiniões eram divergentes. Grande parte delas não achava justo que os homens ganhassem mais, afinal, trabalhavam tanto quanto eles: “achavam que as mulheres não precisavam tanto, mas as mulheres tinham que trabalhar muito também, né? Não era só o homem por causa disso que eu acho que justo não era, mas fazer o quê?”<sup>43</sup>

D. Andília achava que o trabalho dos homens não era tão cansativo quanto o dela que era na fiação, trabalhando ao redor da máquina, limpando os fios. Sobre o trabalho dos homens, ela enfatiza que: “via eles conversando, eles davam mais conta, era mais rápido porque eles levavam aquelas caixas de linha de um lado para o outro, só levavam com aquele carrinho”.<sup>44</sup> E termina dizendo: “os homens sempre foram mais privilegiados”.<sup>45</sup> Algumas achavam correto os homens ganharem mais no período em que elas também trabalhavam, mas, hoje em dia, não concordariam mais:

Naquele tempo eu achava que era justo. Eu nunca me preocupei com isso. Porque a gente escuta muitos debates pela televisão, muitas vezes eu dou razão para eles, que as mulheres às vezes são bem mais atenciosas, mais caprichosas, e se fazem o mesmo que o homem faz, porque não ganhar o mesmo? Naquele tempo ninguém se incomodava com isso.<sup>46</sup>

D. Ruth entra num assunto muito abordado na questão do trabalho feminino nas fábricas. Considerava-se que as mulheres possuíam muitas habilidades, bem utilizadas na produtividade do trabalho, julgadas femininas como: minúcia,

destreza, rapidez no serviço, etc. Assim, convencionou-se dizer que as mulheres eram “mais dóceis, mais pacientes, mais dedicadas ao serviço”.<sup>47</sup> Em contrapartida, tais habilidades consideradas *qualidades* eram, em geral, pouco entendidas como *qualificações* por possuírem uma estreita relação com o que se dizia ser inato e próprio da natureza feminina.<sup>48</sup> Porém, na visão de muitas operárias, essas qualidades eram um ponto positivo no trabalho feminino; eram tão importantes quanto um grau mais alto de escolarização ou um curso profissionalizante.

Percebemos, nessa experiência de trabalho com história oral, que muitas mulheres nunca expuseram sentimentos e emoções para outras pessoas, muitas vezes pelo fato de não terem sido questionadas a respeito. A oportunidade suscitada pela entrevista possibilitou o desabafo das operárias, especialmente quando nos remetemos à vida pessoal delas. Elas se pautaram em muito pelas condições existentes hoje em dia, já que podiam fazer uma contraposição entre o que viveram e como poderiam fazer diferente se tivessem oportunidades. Como atualmente há uma maior abertura em diversas temáticas inibidas nesses períodos, parece que se sentiram mais à vontade para refletir sobre suas atitudes quando moças. Possivelmente, quando jovens, não percebiam o que percebem hoje, e isso está relacionado com o que presenciam na sociedade atual. O que parecia difícil, nos dias atuais parece ser fácil. Talvez não fosse necessário o casamento em caso de gravidez; talvez elas não fossem vistas como *mulheres da vida* se desfrutassem do prazer de relações sexuais fora de um matrimônio, tendo filhos, mas sem viver somente em função de uma família. Se fizéssemos uma pergunta como: *você faria tudo de novo?*, as respostas seriam ditas com timidez, pois muitas, apesar de todas as dificuldades apresentadas, gostariam de sentir de novo muitos dos sentimentos lembrados, porque, muitas vezes, tornaram-se negativos, na atualidade, mas, no momento em que viveram, foram positivos.

---

## Notas

- <sup>1</sup> ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2000. p. 20.
- <sup>2</sup> LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 17.
- <sup>3</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.) *Usos & abusos da história oral*, Op. cit., p. XV.
- <sup>4</sup> Para este artigo, utilizamos nove entrevistas, sendo que elas remetem a realidades de vida diferentes, de mulheres que vieram para Blumenau em busca de emprego, mulheres que moravam em Blumenau e que trabalhavam por necessidade financeira ou mesmo por *tradição* e que estavam empregadas em indústrias diferentes.



**EU (NÃO) FARIA TUDO DE NOVO!  
LEMBRANÇAS DE EX-OPERÁRIAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE BLUMENAU**

- <sup>5</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). Op. cit., p. 46.
- <sup>6</sup> Idem, ibidem, p. 51.
- <sup>7</sup> Idem, ibidem, p. 47.
- <sup>8</sup> Idem, ibidem.
- <sup>9</sup> BASSANEZI, Carla Beozzo. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Dir.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 626.
- <sup>10</sup> HOBSBAWM, Eric J.. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 135.
- <sup>11</sup> Depoimento de D. Loni para Ellen Annuseck, em junho de 2001.
- <sup>12</sup> BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 127.
- <sup>13</sup> Ver nota 13.
- <sup>14</sup> Ver nota 2.
- <sup>15</sup> Ver nota 13.
- <sup>16</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 39-40.
- <sup>17</sup> Ver nota 2.
- <sup>18</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Dir.). *História das mulheres no Brasil*, Op. cit., p. 614. Ao homem dizia-se que o ato sexual era algo mais instintivo e necessário para a sua contemplação masculina, sendo que eles poderiam, sim, ter relações sexuais antes do casamento, pelo menos em grande parte.
- <sup>19</sup> Idem, ibidem.
- <sup>20</sup> Idem, ibidem, p. 636.
- <sup>21</sup> Depoimento de D. Ruth para Ellen Annuseck, em outubro de 2001.
- <sup>22</sup> Depoimento de D. Paula para Cristina Ferreira e Ricardo Machado, em março de 2003. Esta entrevista faz parte do projeto *A vida fora das fábricas: o cotidiano dos operários das indústrias têxteis de Blumenau (1950-1970)*, que deu prosseguimento, com outras perspectivas, ao projeto de iniciação científica já citado. Bolsista: Ricardo Machado; Orientadora: Cristina Ferreira.
- <sup>23</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Dir.). *História das Mulheres no Brasil*. Op. cit., p. 633.
- <sup>24</sup> Ver nota 2.
- <sup>25</sup> Depoimento de D. Irene para Ellen Annuseck, em junho de 2001.
- <sup>26</sup> Ver nota 23.
- <sup>27</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Dir.). *História das mulheres no Brasil*. Op. cit., p. 618.
- <sup>28</sup> Ver nota 27.
- <sup>29</sup> Ver nota 27.
- <sup>30</sup> Depoimento de D. Jowita para Maicon R. P. Aguiar, em julho de 2001.
- <sup>31</sup> CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001. p. 180.
- <sup>32</sup> PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 57. O fato de muitas dessas moças começarem a trabalhar desde cedo, geralmente com 14 anos, fez com que sua carga de responsabilidades aumentasse: horários de trabalho a serem cumpridos, disciplina, mas, em contrapartida, tinham a possibilidade de ganharem seu próprio dinheiro. Ainda assim, esse salário, em grande parte, era levado para a família: um pouco era utilizado para a compra de objetos pessoais ou mesmo para a compra do enxoval.

- 
- <sup>33</sup> Depoimento de D. Inge para Ellen Annuseck, em maio de 2001.
- <sup>34</sup> Ver nota 2.
- <sup>35</sup> Ver nota 27.
- <sup>36</sup> Depoimento de D. Norma para Ellen Annuseck, em abril de 2001. Por começarem cedo, permaneciam em média de 6 a 8 anos (até a idade de casarem-se). Algumas ficaram mais de 30 anos trabalhando na fábrica e diferenciavam-se na hora do depoimento, pois visualizavam o período que passaram na fábrica com mais afinidade e naturalidade.
- <sup>37</sup> LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Dir.). *História das mulheres no Brasil*. Op. cit., p. 446.
- <sup>38</sup> Ver nota 23.
- <sup>39</sup> Ver nota 2.
- <sup>40</sup> A dificuldade de incompatibilidade de línguas nas escolas também diminuía o interesse de muitas moças pelos estudos. Muitas moças aprendiam uma língua desde criança, como, por exemplo, o alemão, e quando entravam numa escola, sentiam dificuldade para entender as matérias, principalmente, o português. Depoimentos de D. Inge e de D. Loni para Ellen Annuseck, em maio e junho de 2001, respectivamente.
- <sup>41</sup> Como as mulheres tinham um contato restrito com o mundo escolar e com o ensino técnico, achavam correto que os homens tivessem maior remuneração, inclusive porque tinham uma família a sustentar, ou seja, eram os chefes da casa.
- <sup>42</sup> Ver nota 27.
- <sup>43</sup> Ver nota 35.
- <sup>44</sup> Ver nota 2.
- <sup>45</sup> Ver nota 2.
- <sup>46</sup> Ver nota 23.
- <sup>47</sup> PENA, Maria Valeria Junho. Op. cit., p. 159.
- <sup>48</sup> ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999. p. 107.